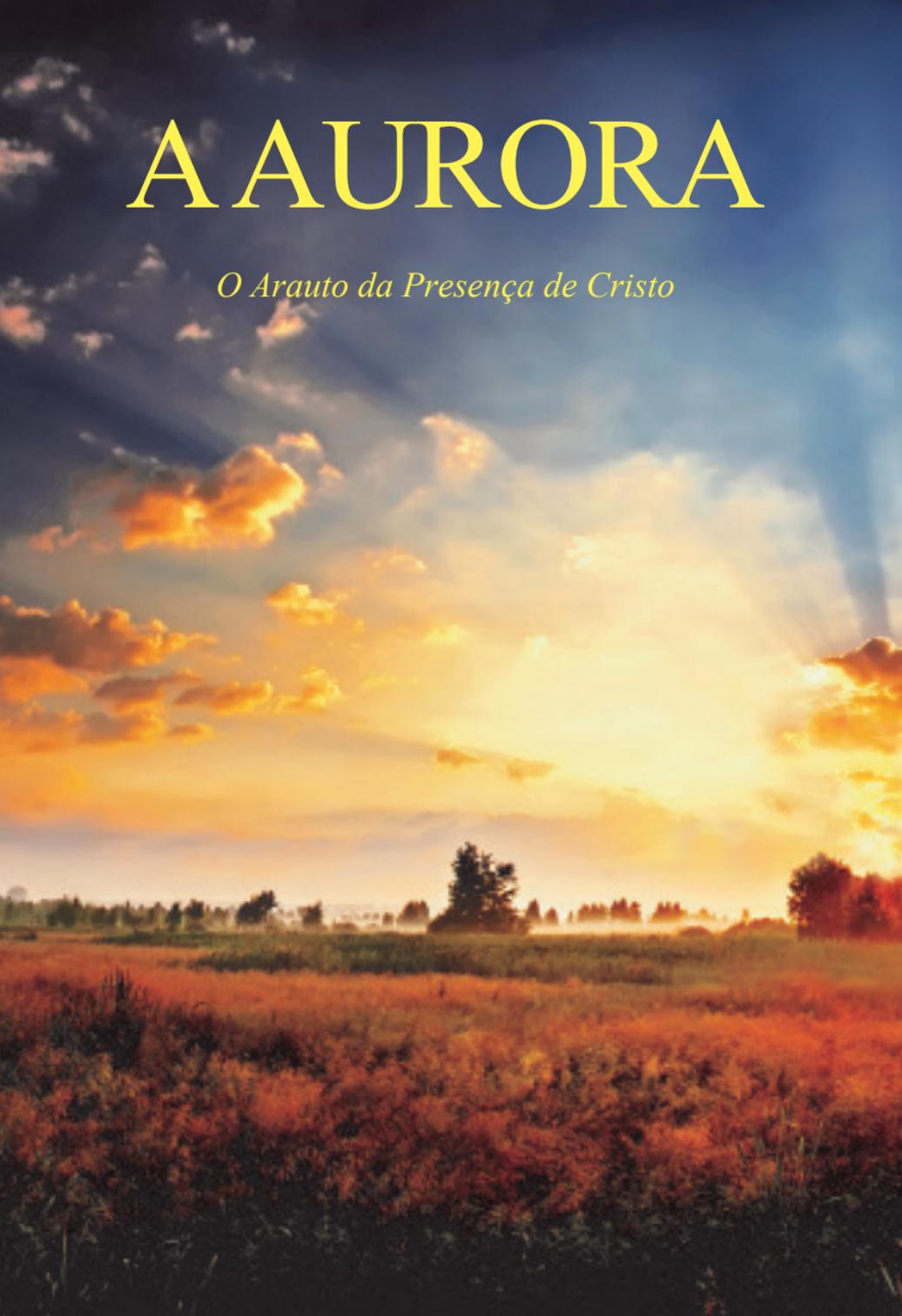


A AURORA

O Arauto da Presença de Cristo



A AURORA

Vol. 11 No. 2

MARÇO-ABRIL 2018

Publicada em Alemão, Croata, Espanhol, Francês, Grego, Inglês, Italiano, Polonês, Português, Romeno, Russo e Ucrâniano.

CONTEÚDO DESTE NÚMERO

A AURORA é publicada bimestralmente por The Dawn Bible Students Association, Divisão em português, 199 Railroad Avenue, East Rutherford, NJ 07073, USA
www.dawnbible.com

Sirva-se notificar-nos imediatamente sua mudança de domicílio. Inclua a etiqueta de envio de sua revista, e envie-a juntamente com seu novo endereço. Preço anual: US \$12.00 (6 números) Sem custo de fora os EUA

ALEMANHA: Tagensbruck Bibelstudien-Vereinigung, Alzeyer Str. 8 (Postfach 252), D 67253 Freinsheim

ARGENTINA: El Alba, Calle Almirante Brown 684, Monte Grande, Buenos Aires

AUSTRÁLIA: Berean Bible Institute, P.O. Box 402, Rossana, Victoria, 3084

BRASIL: A Aurora, Caixa Postal 50088, Rio de Janeiro, RJ CEP 20050-971 E-mail: estudantesdabiblianobrasil@gmail.com

CANADÁ: P.O. Box 1565, Vernon, British Columbia, V1T 8C2 Canada

COLÔMBIA: A.A. 7804, Medellín, Antioquia.

ESPANHA: El Alba, Via S. Leonardo 21, Octaviano 80044, Napoli, Italia

FRANÇA: Aurore, 45, Avenue de Gouvieux, 60260, Lamorlaye

GRÉCIA: He Haravgi (The Dawn), 199 Railroad Ave., East Rutherford, NJ 07073 USA

ILHAS BRITÂNICAS: Associated Bible Students, 102 Broad Street, Chesham, HP5 3ED

ÍNDIA: The Dawn, Blessington, #34, Serpentine St., Richmond Town, Bangalore 560025

ITÁLIA: Aurora, Via Ferrara 42, 59100 Prato

DESTAQUES DA AURORA

Uma confiança para todas as pessoas 2

ESTUDOS INTERNACIONAIS DA BÍBLIA

O Senhor proverá 15

Não há Deus semelhante a ti 17

O povo louva a Jeová 20

Ore e busque a face de Deus 22

VIDA E DOCTRINA CRISTÃ

A busca pelo povo de Deus – Parte 8
Paulo começa sua terceira viagem 25

The Dawn - Portuguese Edition

MAR / APR 2018

A menos que se indique o contrário a tradução da Bíblia usada nesta Revista é a Versão Almeida Corrigida Fiel/ACF – Edição de 2011

Printed in USA

Uma confiança para todas as pessoas

*“O fruto da justiça será paz; o resultado da justiça será tranquilidade e confiança para sempre. O meu povo viverá em locais pacíficos, em casas seguras, em tranquilos lugares de descanso.” — Isaías 32:17, 18
NVI*

MUITOS NÃO ESTÃO nada confiantes de que a humanidade encontrará uma solução definitiva para os problemas que afligem o mundo hoje. Na verdade, as pessoas parecem estar mais confiantes de duas coisas. Primeiro, a maioria das pessoas tem certeza de que os problemas do mundo continuarão a piorar. Em segundo lugar, todos estão certos de que seu tempo de vida é limitado e, cedo ou tarde, eles morrerão.

Não negamos a realidade de que as condições do mundo estão piorando, nos aspectos políticos, sociais, morais e outros da existência humana. Também concordamos que, sob a ordem atual das coisas, a morte continuará ceifando vidas entre os bilhões da Terra. Se, no entanto, essas são as únicas certezas que temos em relação ao futuro do homem, há pouca expectativa para melhoras. O testemunho harmonioso da Bíblia, no entanto, apresenta uma perspectiva muito diferente para o futuro da Terra, e a existência do homem sobre ela.

Nosso texto introdutório é uma passagem das Escrituras que promete condições de justiça, paz e tranquilidade entre as pessoas. Além disso, fala da “confiança” que podemos ter que essas condições ocorrerão. Certamente, a medida em que nos asseguramos de tais promessas e confiamos que elas se concretizarão, nossa perspectiva para o futuro da humanidade torna-se muito mais brilhante. Passamos a ser capazes de olhar para além dos problemas atuais, e ter a certeza do salmista Davi de que a “ira” de Deus, em relação ao declínio da humanidade, “dura só um momento; no seu favor está a vida. O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã”. — Salmo 30:5

A CONFIANÇA RELACIONA-SE COM A FÉ

A palavra “confiança” usada no nosso texto de introdução, denota certeza e garantia. A confiança, especialmente nas promessas de Deus de bênçãos futuras para a humanidade, exige fé. Esse requisito é observado pelo apóstolo Paulo quando ele define a fé como relacionada com coisas “que esperamos,” e “coisas que não vemos”. (Heb. 11:1, *NVI*) As promessas que Isaías, Davi e os outros profetas registraram eram assim. Eram coisas esperadas e ainda não vistas — ou seja, eram promessas para o futuro. Pela fé, esses servos de Deus do Antigo Testamento, as reivindicaram para si e foram assegurados de seu eventual cumprimento. De fato, Paulo diz: “Todos estes ainda viveram pela fé, e morreram sem receber o que tinha sido prometido; viram-nas de longe e de longe as saudaram.” — v. 13, *NVI*

A fé, e a confiança resultante dela, de servos como Isaías, Davi e outros, não se baseavam em crença cega, que é a credulidade. Isso também é observado por Paulo em sua definição de fé. A fé só pode existir, diz Paulo, se as coisas esperadas se basearem na “certeza” e as coisas não vistas, baseadas em “provas.” A certeza e a prova, que foram a base da fé para esses fiéis da antiguidade, baseavam-se primariamente em dois aspectos. A certeza era aquilo que eles entendiam dos planos e propósitos eternos de Deus para a humanidade. As provas eram a orientação e a direção diárias, no decorrer de suas vidas, que cada um deles reconhecia como vindas de Deus.

O maior exemplo de ambos os aspectos da fé é encontrado em Abraão. Quando Deus pediu que ele sacrificasse seu filho Isaque, algo quase impensável para se fazer do ponto de vista humano, Abraão não hesitou. Isso ocorreu porque a “certeza” da esperança da ressurreição estava firmemente estabelecida em sua mente, tanto que Paulo disse que Abraão considerou que Deus seria capaz de levantar Isaque, “mesmo dos mortos”. O aspecto da “prova” da fé de Abraão foi demonstrado imediatamente a partir daí, pois, quando ele levantou a mão para matar seu filho, um anjo do Senhor interveio e milagrosamente impediu que Isaque fosse morto. Por isso, Paulo ainda diz que Abraão recebeu seu filho amado “figuradamente... de volta dentre os mortos.” —Heb. 11:19, *NVI*

Embora poucos tenham tido que demonstrar sua fé no mesmo grau que Abraão, os mesmos princípios se aplicam quanto ao desenvolvimento dela. Ainda hoje, a fé verdadeira deve basear-se na certeza do plano de

Deus, nos seus pilares doutrinários, nas evidências diárias do seu cuidado providencial e atuação na vida de seu povo. Essa fé deve desenvolver em nós o entendimento de que mesmo as adversidades que porventura nos sobrevenham, permitidas por Deus, desenvolverão em nós “paciência, experiência, ... esperança”, e o “fruto da justiça”, se formos corretamente “exercitados por ela”. (Rom. 5:3-5; Heb. 12:6-11) Assim, as promessas de Deus que são “aguardadas”, mas “não vistas” em seu estado completo, são muito reais e podem ser confirmadas “em inteira certeza da fé”. — Heb. 10:22

GUIADOS PELO ESPÍRITO SANTO

Além da grande fé demonstrada pelos heróis da antiguidade, como observamos em seus escritos, esses registros também foram guiados pelo Espírito Santo de Deus — seu poder e influência. O apóstolo Pedro aponta para esse importante fato. Ele afirma: “Assim, temos ainda mais firme a palavra dos profetas, e vocês farão bem se a ela prestarem atenção, como a uma candeia que brilha em lugar escuro, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em seus corações. Antes de mais nada, saibam que nenhuma profecia da Escritura provém de interpretação pessoal, pois jamais a profecia teve origem na vontade humana, mas homens falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo.” — 2 Pedro 1:19-21, *NVI*

Para os que se esforçam em fazer a vontade de Deus em suas vidas, é igualmente preciso que tenham Espírito Santo para serem derradeiramente bem-sucedidos em obterem a “plena garantia de fé” em todas as promessas de Deus. É por meio da ajuda e da

influência de seu Espírito que seu povo amplia sua compreensão do plano de Deus e é também por meio dessa influência que desenvolvem, dia a dia, os atributos do caráter do Pai Celestial e refletem sua imagem — sintetizados no amor. — João 16:13; 1 João 4:16

FÉ LIMITADA — CONFIANÇA LIMITADA

A maioria no mundo que professa ser cristão, sem dúvida, afirmaria possuir fé e confiança. No entanto, na maioria dos casos, seu alcance é muito limitado. De modo geral, as pessoas pensam que as promessas de Deus se aplicam apenas a uma relativamente pequena porcentagem dos bilhões de seres humanos que já viveram. Acham que o destino de todo o resto é a eterna destruição — de um tipo ou de outro. O mesmo é válido para o futuro da própria Terra, pois muitos afirmam que a Terra literal está condenada a ser destruída.

Essa fé limitada no inteiro testemunho da Palavra de Deus, inevitavelmente resultará em uma confiança limitada em suas promessas. Se acreditarmos que o Deus do Universo é desamoroso, ou incapaz de proporcionar à sua criação humana uma plena oportunidade de reconciliação com ele, nossa confiança em seus nobres planos fica extremamente reduzida. Se também supormos que ele destruirá a Terra, a bela casa que ele criou para o homem, como poderíamos concluir qualquer outra coisa, exceto que tudo foi feito em vão? Mais uma vez, a “palavra segura de profecia” garante, mas apenas para as pessoas com fé suficiente. “Pois assim diz Jeová, o Deus que criou os céus, que formou a terra e a fez (Ele a estabeleceu, não a criou para ser um

caos, mas formou-a para ser habitada.): Eu sou Jeová, e não há outro.” — Isa. 45:18, *TB*; Ecl. 1:4

O PECADO E A MORTE

Para um maior entendimento e assim maior confiança nas promessas de Deus encontradas nas Escrituras, é necessário que examinemos alguns detalhes, o fundamento, de seus planos e propósitos eternos. Esses também devem ser encontrados em sua Palavra. Assim, se a Bíblia realmente é importante para nós, devemos aceitá-la na sua totalidade como a inspirada Palavra de Deus. No início de suas páginas, somos informados de que nossos primeiros pais foram criados à imagem de Deus. Isso significa que eles eram perfeitos e dotados das qualidades divinas de amor, compaixão e entendimento. Certamente, se a Terra hoje estivesse cheia de tais pessoas, não haveria nenhum dos males desagradáveis que atualmente afligem a humanidade. —Gên. 1:27, 28

Esses humanos perfeitos foram instruídos a obedecer a lei de Deus e informados de que sua desobediência os levaria à morte. (Gên. 2:17) Eles desobedeceram, e a sentença de morte lhes sobreveio. Logo depois, outros problemas começaram. Caim assassinou seu irmão Abel, e homicídios ainda acontecem. A raça humana continua a trilhar um caminho degradante. O registro revela que menos de dois mil anos após a queda do homem “toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente.” — Gên. 6:5

O Dilúvio destruiu aquela ordem social ruim, mas pouco tempo depois, o pecado e o egoísmo voltaram

a aumentar e todas as gerações desde então tem experimentado seus resultados terríveis. Visto que a raça humana é realmente caída e incapaz de se resgatar do peso do pecado que a faz afundar, tem havido guerras e uma série de outras manifestações angustiantes decorrentes desse fato. A Bíblia atesta isso, assim como as páginas da história secular. — Rom. 3:9-19, 23

O ALÍVIO PROMETIDO

Em todas as gerações, no entanto, alguns se esforçaram para manter sua crença em Deus e tentaram impedir a onda do egoísmo humano. Abraão foi um desses, como vimos nas páginas anteriores. Deus fez uma promessa maravilhosa a Abraão, assegurando-lhe de que através de sua “semente”, ou progênie, todas as famílias da Terra seriam abençoadas. Quando Abraão demonstrou completa fé em Deus, por sua disposição de oferecer seu filho Isaque como um sacrifício, Deus confirmou sua promessa com juramento. — Gên. 12:3; 22:15-18

Esta promessa foi passada para Isaque e depois para Jacó, o neto de Abraão. (Gên. 26:4; 28:14) Quando Jacó morreu, a promessa tornou-se a herança da nação de Israel como um todo. Para os devotos de Israel, essa promessa a Abraão foi a base de sua esperança num vindouro Messias. Eles achavam que o Messias estabeleceria um poderoso governo em Israel, que alcançaria e abençoaria todas as famílias ou nações da Terra.

O maior evento já ocorrido até então na Terra havia sido o nascimento de Jesus, enviado ao mundo para cumprir as promessas messiânicas. No entanto, seu

nascimento não foi muito divulgado na época. Os pastores, a quem o anúncio do nascimento de Jesus foi feito pelos anjos, sem dúvida fizeram o que puderam para espalhar a notícia, mas essa foi uma pequena divulgação para um evento tão importante para a humanidade. Os magos que vieram posteriormente ficaram muito impressionados, e provavelmente espalharam as notícias até certo ponto. Talvez o maior aviso sobre o nascimento de Jesus tenha sido feito pela tentativa de Herodes de destruir a criança pelo extermínio de todas os meninos hebreus daquela região. Assim, como hoje, o bem foi temporariamente obscurecido pelo mal.

Independentemente da quantidade de atenção dada ao nascimento de Jesus naquela época, um dos maiores eventos da História havia ocorrido. Foi um raio de luz na noite da experiência humana, pois aquele que o Criador prometeu que redimiria a humanidade das forças do pecado e da morte havia nascido. Certamente, ele nasceu em uma humilde manjedoura, mas seu nascimento foi anunciado pelos santos anjos de Deus. Ele nasceu para o eventual papel de ser um Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno e Príncipe da Paz. — Isa. 9:6, 7, *NVI*

MESSIAS E REI

Jesus também nasceu para ser o grande Messias e o Rei da promessa. Seus discípulos acreditavam que esse era seu destino, e, de fato, era. Eles esperavam que ele estabelecesse seu reino imediatamente, primeiro para libertar Israel do jugo romano da escravidão, e depois por assumir o governo do mundo. Mas embora Jesus

tenha demonstrado por seus milagres que ele era capaz de realizar grandes coisas, os discípulos viram pouca ou nenhuma evidência de um novo governo sendo, naquele momento, formado sob sua liderança.

O que viram foi um aumento da hostilidade, das autoridades religiosas, a Jesus. Os discípulos não entenderam a atitude de Jesus diante da crescente onda de oposição. Ele lhes disse que pretendia ir a Jerusalém e esperava ser preso e morto. Eles não poderiam harmonizar isso com suas expectativas em relação ao seu Mestre. Pedro aconselhou Jesus a não ir a Jerusalém, e, mais tarde, tentou impedir a prisão de Jesus pelo uso da espada. — Mat. 16:21-23; 20:18, 19; João 18:10, 11

No entanto, tudo isso foi em vão. Jesus estava determinado a se entregar aos seus inimigos, embora pudesse pedir ao Pai Celestial a ajuda dos santos anjos, se acreditasse que essa era a vontade divina para ele. (Mateus 26:53) Embora seus corações estivessem angustiados, os discípulos não podiam fazer nada para mudar o curso dos acontecimentos. Seu Messias e Rei havia sido traído e preso. Ele foi levado perante os sacerdotes e dos governantes para ser julgado. Cuspiram nele, foi espancado, colocaram uma coroa de espinhos em sua cabeça e foi pregado numa cruz e deixado lá para morrer. Sua morte foi acompanhada de um grande terremoto, e a cortina do templo se rasgou. (Mateus 27:51) Também houve uma escuridão sobre a Terra — um símbolo apropriado da escuridão do pecado e da morte, os quais o Filho de Deus foi enviado à Terra para eliminar. — Lucas 23:44, 45

O REDENTOR

Foi pelo sacrifício de sua vida que Jesus forneceu a redenção do pecado e da morte a toda a humanidade. Além de ser o futuro Rei do mundo, ele agora era Redentor da raça humana. Naquele tempo, no entanto, os discípulos não entenderam isso, e ficaram perplexos pelo fato de seu Mestre ter permitido que seus inimigos o matassem. Sua grande alegria sobre seu nascimento e o ministério milagroso foi eclipsada pela frustração, tristeza e confusão causadas por sua morte.

A fé dos discípulos estava tão firmemente estabelecida no papel Messiânico de Jesus que eles prestaram pouca atenção a certas declarações onde Jesus indicou que esperava morrer às mãos de seus inimigos. Como isso poderia acontecer com o Messias? Quando ele foi crucificado, eles vagamente se lembraram da promessa de que seria ressuscitado da morte no “terceiro dia”, e eles se agarraram a isso como sua última esperança. — Mat. 16:21; Lucas 9:22

No início da manhã do terceiro dia, certas mulheres foram ao túmulo para terminar o embalsamamento do corpo de Jesus, mas elas encontraram o túmulo vazio. Um anjo explicou que o Mestre já não estava mais lá pois havia ressuscitado. Jesus apareceu a Maria Madalena e a instruiu que fosse aos discípulos contar que ele não estava mais morto. (Lucas 24:1-10; João 20: 11-18) Mais tarde, naquele dia, Jesus apareceu como um estranho a dois de seus discípulos no caminho para Emaús e, ao perguntar-lhes a causa de sua tristeza, eles explicaram o que tinha acontecido e também disseram: “Nós esperávamos que era ele que ia trazer a redenção a Israel. E hoje é o

terceiro dia desde que tudo isso aconteceu.”— Lucas 24:13-21, *NVI*

Jesus usou as profecias do Antigo Testamento para mostrar a esses dois discípulos que era necessário que o Messias sofresse e morresse, e que as promessas de sua glória como Messias e Rei seriam cumpridas mais tarde. Depois que Jesus desapareceu da vista deles, os discípulos disseram um ao outro: “Não estavam ardendo os nossos corações dentro de nós, enquanto ele nos falava no caminho e nos expunha as Escrituras?” — vs. 26-32, *NVI*

Sem dúvida, o coração de todos os discípulos “arderam” dentro do peito quando se convenceram de que seu Mestre havia sido ressuscitado dentre os mortos. No entanto, poucos, além dos próprios seguidores dedicados de Jesus, acreditaram que esse grande milagre havia ocorrido. A ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos foi o evento mais notável e maravilhoso da História mundial, mas pouca atenção foi dada a ele. A boa notícia sobre isso, proclamada por seus fiéis seguidores, caiu principalmente em ouvidos surdos.

A COMEMORAÇÃO ATUAL

Na última sexta-feira de março e no domingo seguinte, a morte e a ressurreição de Jesus serão comemoradas por centenas de milhões. Haverá muita alegria, música inspiradora e até desfiles. Muitas igrejas terão o maior comparecimento do ano, e sermões eloquentes serão proferidos. No entanto, o verdadeiro significado da morte e ressurreição de Jesus ainda é desconhecido pela maioria das pessoas. De fato, muitos

que pregam nesses dias estarão confusos quanto a essas coisas, como a maioria em suas congregações.

Estes dois grandes eventos — a morte e a ressurreição de Jesus — eram fundamentais para o sucesso do plano de Deus. Sem a morte de Jesus, a humanidade continuaria condenada à morte e, portanto, não poderia existir uma nova manhã de alegria para a raça humana. No entanto, visto que Jesus deu a vida dele como “resgate por todos” e, com isso, providenciou que a sentença de morte fosse anulada, a prometida alegria da manhã se tornará realidade. (Sal. 30:5) O grande acontecimento da morte de Jesus como Redentor do homem servirá de “testemunho ao seu tempo” para todas as pessoas. — 1 Tim. 2:3-6

A GARANTIA POR MEIO DA RESSURREIÇÃO

Um Redentor morto não poderia libertar a humanidade da morte, nem um Rei morto poderia governar e abençoar todas as famílias da Terra, como Deus havia prometido a Abraão. Por isso, o próximo grande passo no desenvolvimento do plano de Deus para a salvação humana foi a ressurreição de Jesus dentre os mortos. O Pai Celestial demonstrou seu poder para cumprir suas promessas ao ressuscitar Jesus dentre os mortos. (Atos 2:32; 1 Cor. 15:3, 4) Isso mostra que nada pode interferir na realização do plano amoroso de Deus para a elevação da raça humana da degradação causada pela desobediência à sua lei.

Verdadeiramente, então, a ressurreição de Jesus Cristo era um raio de esperança para o mundo perturbado e moribundo da humanidade. Num mundo de caos e sofrimento, as pessoas em geral estão sem o

verdadeiro conhecimento de Deus. Ele sabe disso. No entanto, “havendo os teus juízos na terra, os moradores do mundo aprendem justiça”. (Isa. 26:9) Esse dia de julgamento, baseado no conhecimento de justiça que será aprendido pelas pessoas, ainda é futuro. Sobre o assunto, o apóstolo Paulo explica que Deus tem “determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do homem [Jesus Cristo] que destinou; e disso deu certeza a todos, ressuscitando-o dentre os mortos”. — Atos 17:31

A CONFIANÇA É APENAS POR MEIO DO PLANO DE DEUS

Não há garantia de paz e tranquilidade, citado em nosso texto de abertura, em nenhum lugar do mundo hoje. Somente quando olhamos para o plano divino de Deus, tal como nos foi apresentado em sua Palavra, temos esperança. Nesse plano, Jesus é o Príncipe da Paz, o futuro Mestre e justo Juiz do povo, e aquele que iluminará toda a humanidade. Nele, vemos o grande Messias da promessa, e aquele que será o novo e justo Rei da Terra.

Estamos confiantes de que todo o plano do Criador, centrado em Jesus, terá um resultado glorioso na Terra, porque o Pai “deu o seu Filho unigênito”, e o ressuscitou dentre os mortos. (João 3:16) Que nossa comemoração da morte e ressurreição de Jesus nas próximas semanas deste ano nos inspire a compartilhar com o mundo inteiro — e com zelo inigualável — as boas novas e a confiança do reino centrado em Jesus!

O Senhor proverá

Versículo-chave: “***E disse Abraão: Deus proverá para si o cordeiro para o holocausto, meu filho. Assim caminharam ambos juntos.***” — ***Gênesis 22:8***

Versículos selecionados:
Gênesis 22:1-14

UM EXCELENTE exemplo de fé em Deus durante os tempos do Antigo Testamento foi retratado por Abraão, cujo amor e obediência ao Pai Celestial foram contados a ele como justiça. (Gálatas 3:6) Durante vários anos, Abraão teve diversas experiências que foram concebidas para desenvolver a sua confiança na promessa de Deus de abençoar toda a família humana através da sua semente. Na lição de hoje, o Pai Celestial deu instruções que revelariam a profundidade do caráter de Abraão em circunstâncias extraordinárias.

“E aconteceu depois destas coisas, que provou Deus a Abraão, e disse-lhe: Abraão! E ele disse: Eis-me aqui. E disse: Toma agora o teu filho, o teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá, e oferece-o ali em holocausto [sacrifício] sobre uma das montanhas, que eu te direi.” — Gên. 22:1, 2

Como resposta imediata, Abraão levantou-se cedo na manhã seguinte e viajou com seu filho, Isaque e dois servos por três dias até chegarem ao lugar indicado

por Deus. Ele instruiu os jovens que os acompanhavam a permanecer para trás enquanto eles iam adorar. Abraão, carregando a faca e o fogo, seguiu adiante com Isaque, que carregava a lenha para o seu próprio sacrifício. — vs. 3-6

Visto que ele podia observar que tanto o fogo quanto a madeira estavam disponíveis, era muito natural que Isaque perguntasse ao seu pai: “Onde está o cordeiro para o sacrifício?” (v. 7, *VIVA*) Nosso versículo-chave reflete a confiança absoluta de Abraão de que todo o assunto seria resolvido pela providência divina, pois ele respondeu que Deus providenciaria o cordeiro.

É evidente que Isaque concordou plenamente com o assunto, pois Abraão construiu um altar, colocou a lenha no lugar e amarrou seu filho sobre ela como um sacrifício. Quando Abraão estendeu a mão para matar Isaque, uma voz do céu declarou a aprovação de Deus pela obediência e que nenhum dano deveria ser feito a seu filho, mas que um carneiro apanhado em uma mata próxima deveria ser sacrificado. Com humilde gratidão, Abraão, então, chamou esse lugar de Jeová-Jiré, o que significa “No monte de Jeová se provê”. — vs. 9-14, *TB*

A maior importância na consideração dos detalhes do que se precede é o reconhecimento de que aqui Abraão tipifica o Pai Celestial, que ofereceu seu Filho unigênito como um sacrifício para a família humana. (João 3:16) No tempo em que Cristo estava na Terra e desejou ser batizado, João Batista fez a seguinte declaração: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.” — João 1:29

Quando as condições descritas na oração do Senhor, “venha o teu reino, seja feita a tua vontade,

assim na terra como no céu” se cumprirem, haverá alegria eterna na família humana. (Mateus 6:10) Então o alcance total das bênçãos da promessa feita a Abraão se tornará uma realidade. Que maravilhosa perspectiva!

Lição dois

Não há Deus semelhante a ti

Versículo-chave:
*“Jeová, Deus de Israel,
não há Deus semelhante
a ti nem no céu nem na
terra, a ti que observas a
aliança e a misericórdia
para com os teus servos
que andam diante de ti
de todo o seu coração.”*
— 2 Crônicas 6:14, TB

Versículos selecionados:
2 Crônicas 6:12-21

do SENHOR meu Deus. Porém, veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: Tu derramaste sangue em abundância, e fizeste grandes guerras; não edificarás casa ao meu nome; porquanto muito sangue tens derramado na terra, perante mim.” — 1 Crôn. 22:7, 8

DURANTE O SEU reinado, o pai de Salomão, o rei Davi, desejou construir um templo para honrar a Deus, mas lhe foi negado esse privilégio. No entanto, ele foi autorizado a reunir os materiais para a construção desse glorioso edifício. Ele disse a Salomão, “Filho meu, quanto a mim, tive em meu coração o propósito de edificar uma casa ao nome

Depois que Salomão tornou-se rei, ele reconheceu a presença de Deus na nação de Israel como manifestada pela Arca do Pacto que os sacerdotes trouxeram para o templo recém-construído. Como parte da cerimônia de dedicação, Salomão subiu numa plataforma elevada no pátio do templo e, com as mãos estendidas para o céu, inclinou a cabeça em oração. — 2 Crôn. 5:1-6:13

Em nosso versículo-chave, Salomão reconhece a supremacia, a misericórdia e a fidelidade de Deus em manter sua aliança, ou pacto. Nessa oração, de forma equilibrada, Salomão lembra as muitas promessas do Pai Celestial a Israel e pede perdão quando as pessoas são derrotadas pelos inimigos e se arrependem de suas ações rebeldes. — 2 Crôn. 6:15-42

Uma apreciação adequada dos tratos de Deus com o Israel natural deve nos lembrar que eles foram especialmente favorecidos e chamados a ser uma nação de reis e sacerdotes se fossem leais ao pacto que receberam no Monte Sinai. Em várias ocasiões, eles foram lembrados de suas bênçãos por observar a lei de Deus ou do castigo que viria sobre eles se fossem desobedientes. — Lev. 26:3-33

Finalmente, quando Cristo veio aos judeus para ser Salvador deles, eles o rejeitaram. “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados! quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste! Eis que a vossa casa vai ficar-vos deserta; porque eu vos digo que desde agora me não vereis mais, até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor.” — Mat. 23:37-39

Posteriormente, uma oportunidade foi estendida aos gentios para fazerem a vontade de Deus manifestada pela obediência, por carregar a própria cruz e a abnegação. A fidelidade em seguir esse caminho até o fim da jornada da vida resultará na exaltação deles como reis e sacerdotes para abençoar a família humana em um mundo onde a justiça prevalecerá. — Mat. 16:24; Apo. 20:6

Como Deus é misericordioso por ter feito uma provisão para a recuperação de Israel da cegueira! Quando o corpo de Cristo estiver completo, eles terão a oportunidade de serem totalmente restaurados ao favor divino. Eles então receberão para sempre o favor do Pai Celestial durante o seu reino que será estabelecido em breve na Terra. — Rom. 11:25-29

O povo louva a Jeová

Versículo-chave:
“Todos os filhos de Israel viram quando desceu o fogo e ficou a glória de Jeová sobre a casa; prostraram-se com o rosto em terra, sobre o pavimento, adoraram e deram graças a Jeová, dizendo: Porque ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre.”
— 2 Crônicas 7:3, TB

Versículos selecionados:
2 Crônicas 7:1-9

NA CONCLUSÃO da oração de Salomão, o fogo desceu do céu e consumiu a oferta e os sacrifícios oferecidos em conexão com a cerimônia de dedicação do templo. Essa foi uma manifestação da aprovação divina, e foi uma visão tão magnífica que os sacerdotes ainda não podiam entrar nele porque “a glória de Jeová encheu a casa [o templo]”. — 2 Crônicas 7:1, 2

Nosso versículo-chave ilustra o efeito dessa representação vívida da presença divina em Israel. Todas as pessoas responderam com reverência e admiração, curvando-se com os rostos ao

chão em adoração e glória a Deus por sua bondade e misericórdia sem limites.

O descrito acima é uma das várias referências bíblicas que refletem a manifestação da aceitação divina de um sacrifício quando os judeus o apresentaram com reverência pelo Pai Celestial. Por exemplo, em uma ocasião, Israel voltou a cair na adoração de ídolos. Os

profetas de Baal invocaram seu deus falso para que consumisse um sacrifício no Monte Carmelo, mas, apesar de suas súplicas ao longo do dia, isso não aconteceu. À tarde, Elias encharcou um altar com vários barris de água, sobre os quais um novilho foi colocado. Quando ele invocou a Jeová, o fogo consumiu o sacrifício queimado, bem como a madeira, as pedras, o pó e até a água no sulco. O povo então caiu sobre seus rostos e adorou o verdadeiro Deus de Israel. — 1 Reis 18:17-39

O louvor e a adoração em conexão com a dedicação do templo de Salomão eram apropriados, mas o uso de ofertas de agradecimento através de sacrifícios de sangue pelo rei e pelo povo também foi um aspecto importante para demonstrar o relacionamento especial de Israel com Deus. Além disso, a imensa gratidão de Salomão por essa ocasião refletiu-se em sua oferta de 22 mil bois e 120 mil ovelhas. Esse número surpreendente parece especialmente difícil de visualizar. Os sacerdotes estavam ativamente envolvidos na administração desses sacrifícios, e era necessário que Salomão consagrasse espaço adicional na corte que cercava o templo porque o altar que inicialmente era usado não podia acomodar todas as ofertas. Durante essa ocasião alegre, os levitas também participaram usando seus instrumentos musicais. — 2 Crôn. 7:4-7

Essa celebração ocorreu quando as pessoas de todas as partes de Israel viajaram para Jerusalém para celebrar uma festividade especial. Durante sete dias, eles viveram em barracas como um lembrete de como Deus os livrou da escravidão egípcia, e estava com eles

enquanto vagavam pelo deserto por 40 anos e viviam em tendas. — Lev. 23:34-43

Embora a festividade de uma semana fosse uma exigência anual, nesse caso especial, os israelitas haviam se reunido para testemunhar a dedicação do templo. As atividades terminaram com um dia extra de santa convocação. (Lev. 23:36; Núm. 29:35) Depois, Salomão decretou que as pessoas deveriam voltar para suas casas. Após ter completado a dedicação do templo, Salomão construiu seu palácio, e sua fama tornou-se conhecida durante um tempo de glória de Israel. — 1 Reis 7:1; 2 Crôn. 7:8-11

Lição 4

Ore e busque a face de Deus

Versículo-chave: *“E se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a minha face e se converter dos seus maus caminhos, então eu ouvirei dos céus, e perdoarei os seus pecados, e sararei a sua terra.”* **DEUS** respondeu à oração de dedicação de Salomão indicando que havia aceitado o templo, escolhendo-o para adoração e a oferta de sacrifícios. Ele também ouvia suas orações por perdão feitas nesse lugar quando se arrependiam de maldades e transgressões. — 2 Crôn. 7:12-16

— 2 Crônicas 7:14

Versículos selecionados: *2 Crônicas 7:12-22* Nosso versículo-chave enfatiza a necessidade de humildade e oração para o povo de Israel ser

restaurado ao favor de Deus. Como parte de uma sóbria advertência, Jeová informou a Salomão que seu reino seria plenamente estabelecido se obedecesse aos mandamentos de Deus. No entanto, se fosse infiel, a nação seria exilada e até mesmo o glorioso templo poderia ser destruído por seus inimigos. — vs. 17-22

Durante a primeira parte do reinado de Salomão, ele teve muitas realizações impressionantes que resultaram em sua fama pessoal e em uma relativa paz com os vizinhos de Israel. Sua imensa riqueza e grande sabedoria eram lendárias, fazendo com que outros governantes de terras distantes, como a Rainha de Sabá, lhe prestassem homenagem. Seu amor a Deus e fidelidade, supostamente, faria prosperar seu reino indefinidamente, mas isso não aconteceu. Durante os últimos anos, Salomão perdeu sua reverência por Deus e isso, por fim, fez com que seu reino se tornasse dividido depois de sua morte.

“Sendo já velho, suas mulheres perverteram-lhe o coração para seguir outros deuses; e o seu coração não foi perfeito para com Jeová, seu Deus, como o fora o coração de Davi, seu pai. Salomão seguiu a Astarote, deusa dos sidônios, e a Milcom, abominação dos amonitas. Salomão fez o mal aos olhos de Jeová e não perseverou em o seguir como o fizera Davi, seu pai.” — 1 Reis 11:4-6

Muitos anos depois, em uma visão, o profeta Ezequiel viu a glória de Deus se afastar do templo quando os babilônios levaram Judá para o cativeiro. (Eze. 10:18, 19) No entanto, a promessa da futura restauração de Israel durante um período de paz também foi profetizada. — Eze. 43: 2-5

De especial importância para nós é o fato de que os cristãos são retratados como parte de uma classe do templo. “Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo.” — 1 Cor. 3:16, 17

O templo de Salomão foi estabelecido como um lugar de encontro entre Deus e Israel por meio do seu sacerdócio. A aplicação mais ampla dessa ilustração se cumprirá quando Deus abençoar a família humana por meio do sacerdócio real, consistindo em nosso Senhor glorificado e sua igreja fiel. — 1 Ped. 2:9

Se formos fiéis ao nosso chamado, receberemos o poder para ajudar a erradicar a morte, a tristeza, o choro e a dor. (Apo. 21:3, 4) Naquele tempo, toda a família humana receberá o favor de Deus durante um reino de paz estabelecido pelo “Salomão Maior”, o Cristo, Cabeça e Corpo.

Paulo começa sua terceira viagem

A BUSCA PELO POVO DE DEUS — PARTE 8

“Assim a palavra do Senhor crescia poderosamente e prevalecia.” — Atos 19:20

AS ESCRITURAS não revelam exatamente quando o apóstolo Paulo completou sua segunda viagem missionária, mas muitos concordam que pode ter sido em 53 ou 54 d.C. No caminho para casa, o apóstolo fez uma breve parada em Jerusalém e depois rumou para a Antioquia onde talvez tenha permanecido por alguns meses. Enquanto isso, seus companheiros de viagem — Lucas, Silas e Timóteo — estavam longe de suas casas, empenhados ativamente em ajudar as novas congregações na Macedônia e na Acaia [Grécia].

Depois de passar algum tempo em Antioquia, o apóstolo Paulo estava pronto para se juntar a eles novamente e continuar seu trabalho na busca pelo povo de Deus, e assim começou sua terceira viagem missionária. Ao explicar sobre a primeira parte dessa viagem, Lucas nos apresenta um breve relato, dizendo: “E, estando ali algum tempo, partiu, passando sucessivamente pela província da Galácia e da Frígia, confirmando [ou, fortalecendo] a todos os discípulos.” — Atos 18:23

Grande parte desse território ficava na mesma região em que ele havia passado em sua primeira e segunda viagens. Agora, Paulo estava de volta, revisitando e ministrando às igrejas que ele ajudou a estabelecer em suas viagens anteriores. Também é provável que dessa vez ele tenha entrado em regiões anteriormente não autorizadas pelo Senhor para pregar. — Atos 16:6, 7

A REGIÃO DA GALÁCIA

A Galácia e a Frigia não são especificamente citadas como tendo sido visitadas por Paulo e Barnabé na primeira viagem deles. No entanto, a província da Galácia era próxima de uma série de cidades por onde eles haviam passado, incluindo Listra, Icônio e Derbe. Lembramo-nos de como a perseguição e a ameaça de apedrejamento fizeram com que Paulo e Barnabé fugissem de Icônio para a região vizinha. Lucas conta que fugiram “para a província circunvizinha; e ali pregavam o evangelho”. (Atos 14:6, 7) Assim, parece razoável que a “província circunvizinha” tenha incluído partes da Galácia, e Paulo pretendia viajar para lá mais uma vez.

Naquela época, grande parte da região central da Ásia Menor era conhecida como Galácia. Seu nome veio dos gauleses, que invadiram a região pelo oeste e conquistaram a área no século 3 a.C. Mais tarde, em 189 a.C., os romanos a conquistaram, e a Galácia tornou-se uma província romana em 25 a.C. As igrejas estabelecidas por Paulo nessa região em sua primeira e segunda viagens missionárias foram visitadas por instrutores judaizantes de Jerusalém. Eles questionaram

a autoridade do Apóstolo e convenceram alguns dos irmãos de que era necessário observarem a Lei Mosaica. Depois de passar pela província da Galácia pela terceira vez, Paulo sentiu a necessidade de escrever aos irmãos sobre esse assunto. Mais tarde, durante sua terceira viagem missionária, ele escreveu sua carta aos gálatas, provavelmente entre 54 e 58 d.C.

Nessa carta, Paulo afirmou e estabeleceu seu apostolado, apoiado por revelações que havia recebido diretamente de Deus e de Jesus Cristo. Ele explicou por que o Pacto da Lei Mosaica não era o fundamento sobre o qual a igreja do evangelho havia sido formada. Além disso, o livro de Gálatas fornece informações valiosas e doutrinárias, bem como admoestações para a vida cristã, que são tão pertinentes hoje como eram nos dias da Igreja primitiva. É interessante observar como as circunstâncias e as experiências da Igreja primitiva foram moldadas e dirigidas por Deus, tornando possível a escrita de passagens bíblicas que beneficiariam a obra de toda a Era do Evangelho, além de serem aplicáveis na época em que foram escritas.

A FRÍGIA E AS REGIÕES SUPERIORES

Voltando à nossa consideração da terceira viagem de Paulo, ele estava novamente a caminho de Éfeso. No fim de sua peregrinação anterior ele havia feito uma breve parada ali. Os judeus da sinagoga local pediram que ele ficasse mais tempo, mas não foi possível porque Paulo queria estar na festividade em Jerusalém com os outros apóstolos. Paulo prometeu retornar, e agora estava a caminho de cumprir essa promessa. — Atos 18:19-21

Além da província da Galácia, a mensagem do evangelho se espalhou para outras áreas, incluindo a região da Frígia. Paulo passou por essas áreas a caminho de Éfeso, e teria parado para visitar os irmãos de lá durante sua viagem. Antioquia da Pisídia, Colossos, Laodiceia e Hierápolis eram cidades da Frígia, onde eclésias haviam sido organizadas. Algumas dessas são mencionados na carta de Paulo aos colossenses. — Col. 1:2; 4:12-16

Vários irmãos dessas classes foram mencionados por Paulo. Epafras estava associado com a igreja de Colosso e provavelmente era um ancião. Tíquico também veio daquela região, embora não tenhamos certeza a qual congregação pertencia. Os relatos que Paulo fez sobre esses dois irmãos revelam o serviço fiel que prestavam a Deus. Paulo escreveu sobre Epafras: “Nosso amado conservo, que para vós é um fiel ministro de Cristo.” E, sobre Tíquico: “Irmão amado e fiel ministro, e conservo no Senhor, vos fará saber o meu estado.” — Col. 1:7; 4:7

Lucas escreveu: “Paulo, tendo passado por todas as regiões superiores, chegou a Éfeso.” (Atos 19:1) As “regiões superiores” incluíam as cidades de Esmirna, Filadélfia, Sardes, Pérgamo e Tiatira. As igrejas localizadas nessas cidades não são especificamente mencionadas por Paulo. No entanto, elas foram evidentemente estabelecidas, porque são citadas pelo apóstolo João no Livro de Apocalipse como exemplos de diferentes períodos da história da igreja.

A CHEGADA EM ÉFESO

Quando Paulo chegou a Éfeso, ele foi apresentado a novos discípulos do Senhor, e quis saber deles se haviam recebido o Espírito Santo. Eles responderam que nem haviam ouvido falar do Espírito Santo! Paulo então perguntou-lhes sobre a natureza do batismo deles, e eles responderam que haviam sido imersos no batismo de João. (Atos 19:2, 3) Se essa imersão tinha sido recente ou muitos anos antes, não sabemos. Mais de vinte anos haviam se passado desde que o ministério de João Batista chegara ao fim com a sua morte.

Alguns meses antes, Apolo havia passado por essa região a caminho da Grécia. Ele também conhecia apenas o batismo de João. Sem a presença de Paulo, Áquila e Priscila estudaram com Apolo e explicaram com mais precisão a doutrina do batismo. (Atos 18:24-26) É possível que esse aumento da igreja em Éfeso, com novos discípulos que Paulo conheceu em sua terceira viagem, tenha ocorrido pelo testemunho de Apolo, antes de ele compreender corretamente o batismo e de sua posterior ida para a Grécia. Paulo viu, no entanto, que esses irmãos de Éfeso eram verdadeiros discípulos de Jesus, e, ao serem imersos pela segunda vez com o conhecimento correto sobre o batismo, eles realmente receberam as evidências do Espírito Santo. — Atos 19:4-6

Aparentemente nenhuma eclésia tinha sido estabelecida durante a anterior e breve visita de Paulo a Éfeso. Após sua partida, os discípulos — incluindo Áquila e Priscila — continuaram a se encontrar com outros judeus na sinagoga. Quando Paulo retornou, ele

também pregou na sinagoga por cerca de três meses. Logo suas doutrinas começaram a suscitar tanta oposição que Paulo e os outros discípulos deixaram a sinagoga e começaram a ensinar em um lugar conhecido como a escola de Tirano. — vs. 8, 9

Tirano provavelmente era um professor de filosofia grega e que cedeu uma área em sua escola para que Paulo a utilizasse como local de reunião. Tanto os gentios quanto os judeus poderiam estudar e adorar juntos, e ser ensinados por Paulo. Essas reuniões, que continuaram por dois anos, atraíram a atenção de tantas pessoas que Lucas escreveu que “todos os que habitavam na Ásia ouviram a palavra do Senhor Jesus, assim judeus como gregos”. (Atos 19:10) Durante esse tempo, é bem provável que Paulo tenha morado na casa de Áquila e Priscila, onde, sem dúvida, várias reuniões também foram realizadas. — 1 Cor. 16:19

MUITOS MILAGRES FORAM REALIZADOS

Além de sua pregação, Paulo tornou-se conhecido em toda a cidade e nos arredores pelos muitos milagres que realizou. (Atos 19:11, 12) Éfeso era uma cidade gentia proeminente, situada na costa ocidental da Ásia Menor, separada da Grécia pelo mar Egeu. Era uma cidade portuária com rotas marítimas e comerciais, e uma importante porta de entrada comercial para a Ásia. Além da movimentação causada pelo comércio, Éfeso era um notável foco de peregrinações religiosas por causa de seu templo em homenagem à deusa pagã, Diana. (vs. 27, 35) Era também um lugar de artes bizarras, magia negra, bruxaria, feitiçaria e coisas do

gênero. Como resultado, Paulo teve muitas oportunidades para expulsar espíritos malignos.

Vários exorcistas judeus itinerantes estavam em Éfeso naquela ocasião. Os mais notáveis desses eram os sete filhos de um dos principais sacerdotes judeus, chamado Ceva. Eles tinham visto o sucesso que Paulo tinha ao expulsar os espíritos malignos e procuraram fazer o mesmo, dizendo: “Em nome de Jesus, a quem Paulo prega, eu lhes ordeno que saiam!” (Atos 19:13, 14, NVI) No entanto, quando eles disseram isso a um homem possuído, o espírito maligno dentro dele sabia que isso era um mau uso do nome de Jesus e afirmou: “Jesus, eu conheço, Paulo, eu sei quem é; mas vocês, quem são? Então o endemoninhado saltou sobre eles e os dominou, espancando-os com tamanha violência que eles fugiram da casa nus e feridos.” — vs. 15, 16

O que aconteceu ficou logo publicamente conhecido em toda a cidade. Isso causou um efeito profundo nas pessoas, especialmente nas que se dedicavam às artes mágicas. Um grande número deles trouxe seus livros de estudo dessas práticas malignas, e reunidos todos em um lugar, os queimaram. (vs. 17-19) Lucas resumiu a magnitude do efeito desse incidente com a afirmação de que “dessa maneira a palavra do Senhor muito se difundia e se fortalecia”. — v. 20

PROBLEMAS EM CORINTO

Durante o tempo em que Paulo permaneceu em Éfeso, ele soube de problemas que surgiram na igreja em Corinto. A família de Cloe contou-lhe sobre as divisões que se desenvolveram lá como resultado do ministério do talentoso orador, Apolo. (1 Cor. 1:11) Alguns

começaram a afirmar que Apolo era seu líder, enquanto outros diziam que eram seguidores de Paulo. Isso, é claro, não era culpa de Apolo, mas sim um sinal de fraqueza e falta de madureza espiritual dos irmãos daquela cidade. O relato de Cloe também informava que outros reivindicavam Pedro como seu líder, e alguns consideravam que Cristo era seu cabeça.

Paulo viu a necessidade de lidar imediatamente com esse assunto. Assim, enquanto ainda ministrava em Éfeso, escreveu a primeira de duas cartas aos irmãos coríntios. Ele abordou a questão com estas palavras: “Com isso quero dizer que cada um de vocês afirma: “Eu sou de Paulo”; “eu de Apolo”; “eu de Pedro”; e “eu de Cristo.” Acaso Cristo está dividido? Foi Paulo crucificado em favor de vocês? Foram vocês batizados em nome de Paulo?” (vs. 12, 13, *NVI*) Dois capítulos depois, em 1 Coríntios 3:1-6, Paulo elabora mais sobre a fonte desses problemas, atribuindo-os à imaturidade e ao pensamento carnal. Ele conclui dizendo: “Ainda são carnis. Porque, visto que há inveja e divisão entre vocês, não estão sendo carnis e agindo como mundanos? Pois quando alguém diz: “Eu sou de Paulo”, e outro: “Eu sou de Apolo”, não estão sendo mundanos? Afinal de contas, quem é Apolo? Quem é Paulo? Apenas servos por meio dos quais vocês vieram a crer, conforme o ministério que o Senhor atribuiu a cada um. Eu plantei, Apolo regou, mas Deus é quem fazia crescer.” — vs. 3-6, *NVI*

O apóstolo enfatizou aos irmãos coríntios que os apóstolos e instrutores que o Senhor havia designado para o ministério não estavam divididos. Todos eles com seus diferentes talentos e dons estavam cooperando na

obra de Deus e que isso deveria ser reconhecido por todos os irmãos. “Ninguém se glorie em homens; porque todas as coisas são de vocês, seja Paulo, seja Apolo, seja Pedro, seja o mundo, a vida, a morte, o presente ou o futuro; tudo é de vocês, e vocês são de Cristo, e Cristo, de Deus.” — vs. 21-23, *NVI*

A carta de Paulo continua com esse importante tema. “Apliquei estas coisas, por semelhança, a mim e a Apolo, por amor de vós; para que em nós aprendais a não ir além do que está escrito, não vos ensoberbecendo a favor de um contra outro. Porque, quem te faz diferente? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias, como se não o houveras recebido?” — 1 Cor. 4:6, 7

A VISITA A CORINTO FOI ADIADA

Muitas dessas informações sobre as condições em Corinto provavelmente vieram diretamente de Apolo, que evidentemente tinha vindo a Éfeso enquanto Paulo estava lá. Paulo tentou persuadir Apolo a retornar a Corinto, mas, aparentemente, para Apolo não era possível fazer isso naquele momento. (1 Cor. 16:12) Aprendemos nos versículos 5-9 do relato que Paulo também queria rever seus irmãos coríntios, mas ele também teve de adiar sua visita por dois motivos. Um deles era a vontade de passar mais tempo com os irmãos, a despeito de suas outras obrigações. O outro era que em Éfeso uma porta especial de oportunidade tinha sido aberta, e ele queria aproveitar isso.

Havia outros irmãos da igreja coríntia que estavam residindo em Éfeso. Paulo cita-os nessa mesma passagem como exemplos de fidelidade e amor. “Vocês

sabem que os da casa de Estéfanos foram o primeiro fruto da Acaia e que eles têm se dedicado ao serviço dos santos ... Alegrei-me com a vinda de Estéfanos, Fortunato e Acaico ... Eles trouxeram alívio ao meu espírito, e ao de vocês também. Valorizem homens como estes.” Ele também menciona Áquila e Priscila, e a igreja que se reunia em sua casa. Eles também enviaram saudações de Éfeso para os irmãos em Corinto. — vs. 15-20

GRATO PELA ASSISTÊNCIA

Foi decepcionante receber notícias dos problemas relativos a alguns dos irmãos na igreja em Corinto. No entanto, Paulo foi reanimado e encorajado por esses outros maravilhosos irmãos que haviam viajado uma distância tão longa para ajudá-lo em Éfeso. Estéfanos foi um dos primeiros convertidos em Corinto que Paulo batizou, junto com toda a família, e se tornaram devotos servos do Senhor e dos irmãos. (1 Cor. 1:16) Quando Estéfanos e sua família, bem como Fortunato e Acaico, se juntaram a Paulo em Éfeso para ajudar com o trabalho maravilhoso que estava sendo feito ali, foram todos muito bem-vindos. Eles se juntaram aos outros trabalhadores de lá — Timóteo, Lucas, Áquila e Priscila — no ministério do Evangelho.

Outro irmão de Corinto, Erasto, que era uma autoridade da cidade, chegou para ajudar Paulo em Éfeso. (Atos 19:22; Rom. 16:23; 2 Tim. 4:20) Outro que também foi ajudar na obra do Evangelho era Sóstenes. Ele havia sido um líder na sinagoga, antes de ser convertido por Paulo. (1 Cor.1:1; Atos 18:17) Embora os que Deus convidou para serem discípulos de Jesus

fossem, na sua maioria, das classes mais pobres e menos influentes deste mundo, ocasionalmente algumas pessoas proeminentes foram chamadas, como Erasto e Sóstenes. (1 Cor.1:26) Eles tinham um coração justo e uma fé forte, bem como outras qualidades que o Senhor estava buscando.

Parece que, naquele momento da estadia de Paulo em Éfeso, Timóteo e Silas já haviam feito o que podiam em Corinto e tinham ido embora. Timóteo se juntou a Paulo em Éfeso. Silas, no entanto, que havia viajado e trabalhado fielmente com ele por quatro anos, não é mencionado novamente como um dos companheiros de Paulo. Mais tarde, ele é relatado como estando na companhia do apóstolo Pedro. (1 Ped. 5:12) Assim, embora tenha se despedido de Paulo, Silas continuou a trabalhar no ministério, usando as oportunidades que o Senhor abriu para ele.

A IGREJA EM ÉFESO PROSPERA

As novas eclesias na Macedônia precisavam de assistência, e Paulo queria muito visitá-las novamente. No entanto, naquela época, a oportunidade de testemunhar em Éfeso ainda era tão grande que ele decidiu, em vez disso, enviar Timóteo e Erasto a essas classes, ao passo que ele permaneceu em Éfeso. (Atos 19:22) Como afirmou Lucas em nosso texto introdutório, a Palavra de Deus realmente cresceu “poderosamente... e prevaleceu”. A igreja de Éfeso prosperou e cresceu, tornando-se uma grande classe com muitos anciãos.

Segundo se acredita, muitos anos após a morte de Paulo, o apóstolo João se tornou um ancião em Éfeso e também viajou para outras cidades vizinhas da Ásia

Menor, onde serviu aos irmãos locais. Ele ministrou nesse cargo até que foi exilado em Patmos, uma ilha próxima a Éfeso. Ao escrever o Livro de Apocalipse, João poderia atestar as palavras elogiosas do Senhor para a igreja em Éfeso: “Conheço as tuas obras, e o teu trabalho, e a tua paciência, e que não podes sofrer os maus; e puseste à prova os que dizem ser apóstolos, e o não são, e tu os achaste mentirosos. E sofreste, e tens paciência; e trabalhaste pelo meu nome, e não te cansaste.” — Apo. 2:2, 3

O ministério do Evangelho teve muitos frutos em Éfeso e em muitas outras regiões da Ásia Menor. Assim, a busca pelo povo de Deus progrediu com fervor por meio do grande zelo daqueles que foram movidos pelo Senhor a darem testemunho do maravilhoso plano de Deus.